

PRIMEIRO ACTO

Parte do parque na propriedade de Sórin. Uma alameda larga leva até ao fundo do parque (da ribalta até ao fundo), onde há um lago; a vista da alameda e do lago está tapada por um estrada, construído à pressa, para um espectáculo amador. À direita e à esquerda do estrada há arbustos. Várias cadeiras, uma mesinha.

O sol acabou de se pôr. No estrada, por trás do pano, estão Iákov e outros moços serviçais; ouve-se pigarrear e marteladas. Macha e Medvedenko entram pela esquerda, estão de volta de um passeio.

MEDVEDENKO — Anda sempre de preto porquê?

MACHA — Estou de luto pela minha vida. A minha vida é uma desgraça.

MEDVEDENKO — Porquê? (*Pensativo*) Não compreendo... Tem saúde, e o seu pai, embora não seja rico, tem alguma coisa de seu. A minha vida é muito mais dura. Ganho 23 rublos por mês, menos o desconto para a reforma, mas não me visto de luto. (*Sentam-se*)

MACHA — Não se trata do dinheiro. Até um pobre pode ser feliz.

MEDVEDENKO — Em teoria sim, mas na prática veja só: eu, a minha mãe, mais duas irmãs, mais um irmão, e 23 rublos de

ordenado. É preciso comer e beber, não? E o chá? E o açúcar? E o tabaco? É assim: safa-te como puderes.

MACHA (*virando a cabeça para o estrado*) — Daqui a pouco vai começar o espectáculo.

MEDVEDENKO — Sim. A Zaréchnaia vai apresentar a peça de Konstantin Gavrílovitch. Estão apaixonados e, hoje, as suas almas vão fundir-se no anseio de criarem uma imagem artística em consonância. A minha alma e a sua é que não têm qualquer ponto de contacto, menina. Eu amo-a e não consigo ficar em casa com as saudades, faço todos os dias seis quilómetros para cá e seis quilómetros para lá, mas não levo nada, da sua parte é só *indiferentismo*. É compreensível. Não tenho recursos, tenho uma família numerosa. Pois, olha que grande coisa, casar com um homem que não tem nada para comer!

MACHA — Disparates. (*Cheira o rapé*) O seu amor é comovente, mas não lhe posso corresponder, é isso. (*Estende-lhe a tabaqueira*) Sirva-se.

MEDVEDENKO — Não me apetece.

Pausa

MACHA — O ar está tão abafado, acho que esta noite vai haver trovoadas. O senhor não pára de filosofar, ou então fala de dinheiro. Na sua opinião não há maior desgraça do que a pobreza mas, na minha, é mais fácil andar esfarrapado e a mendigar do que... Esqueça, não ia compreender...

Pela direita entram Sórin e Tréplev.

SÓRIN (*apoiando-se na bengala*) — Não sinto que a aldeia seja o meu lugar, amiguinho, e é evidente que nunca irei adaptar-me a ela. Ontem deitei-me às dez, hoje acordei às nove com a sensação de que dormi de mais, como se tivesse os miolos colados ao crânio ou uma coisa assim. (*Ri-se*) Depois do almoço, não queria mas voltei a adormecer, e agora estou com uma quebreira, isto é um pesadelo, isto ao fim e ao cabo...

- TRÉPLEV — É verdade, pois. A tua vida é na cidade. (*Ao ver Macha e Medvedenko*) Meus senhores, quando isto começar nós chamamos, agora não podem estar aqui. Saiam, por favor.
- SÓRIN (*para Macha*) — Mária Iliínitchna, faça-me um favor, peça ao seu paizinho que mande soltar o cão, não pára de uivar. Mais uma noite em que a minha irmã não dormiu.
- MACHA — Fale o senhor com o meu pai. Eu é que não. Livre-me disso. (*Para Medvedenko*) Vamos!
- MEDVEDENKO (*para Tréplev*) — Mande então alguém avisar-nos antes de começar. (*Saem ambos*)
- SÓRIN — Quer isto dizer que o cão vai outra vez uivar toda a noite. Vejam lá, nunca consegui viver na aldeia como seria do meu gosto. Digamos que tirava umas férias de 28 dias, chegava aqui para descansar e essas coisas todas, mas caía-me logo em cima tanta maçada, e de uma maneira tal, que eu logo ao primeiro dia tinha vontade de fugir. (*Ri-se*) Ia-me sempre embora daqui com todo o prazer... Agora é assim, estou reformado, nada a fazer, paciência. Quer queiras quer não, aguenta...
- IÁKOV (*para Tréplev*) — Konstantin Gavrílitch, nós vamos para o lago tomar banho.
- TRÉPLEV — Está bem, mas estejam aqui dentro de dez minutos. (*Consulta o relógio*) Não tarda vamos começar.
- IÁKOV — Sim, senhor. (*Sai*)
- TRÉPLEV (*passando o olhar pelo estrado*) — E pronto, aqui está um teatro. Pano, primeiro bastidor, segundo bastidor, e logo o espaço vazio. Cenário não há. Vista directa para o lago e para o horizonte. O pano sobe às oito e meia em ponto, quando a lua se levantar.
- SÓRIN — Magnífico.
- TRÉPLEV — Se a Zaréchnaia se atrasar, perde-se todo o efeito, isso é mais que certo. Já cá devia estar. O pai e a madrastra têm-na sempre debaixo de olho, para ela é tão difícil esgueirar-se de casa como de uma prisão. (*Ajeita a gravata ao tio*) Estás todo desgrenhado, o cabelo e a barba. Devias cortar isto, não?...

SÓRIN (*cofiando a barba*) — É a tragédia da minha vida. Na juventude tinha o aspecto de quem bebe como uma esponja, é dito e feito. As mulheres nunca gostaram de mim. (*Sentando-se*) Porque é que a minha irmã está mal-humorada?

TRÉPLEV — Porquê? É o tédio. (*Sentando-se ao lado de Sórin*) E está com ciúmes. Já está contra mim, contra o espectáculo, contra a minha peça, e tudo isto porque este seu querido novelista pode vir a agradar-se da Zarétchnaia. Ainda não conhece a minha peça, mas já odeia a minha peça.

SÓRIN (*rindo*) — Inventas cada uma...

TRÉPLEV — O desgosto dela é o seguinte: quem vai brilhar neste pequeno palco é a Zarétchnaia, e não ela. (*Consultando o relógio*) A minha mãe é um fenómeno psicológico muito curioso. Tem um talento indiscutível, é inteligente, é capaz de chorar a ler um livro, pode recitar de cor todo o Nekrássov, cuida dos doentes como um anjo. Mas se alguém louvar a Duse na presença dela, ai Deus Nosso Senhor! Só ela é que deve ser louvada, sobre ela é que devem escrever, só ela é que tem de ser apregoada e admirada pelo seu desempenho extraordinário n' *A Dama das Camélias* ou n' *A Embriaguez da Vida*; ora, como aqui na aldeia não existe semelhante incenso, aborrece-se, fica irritada, somos todos inimigos dela, somos todos culpados. Além disso é supersticiosa, tem medo das velas em grupo de três, tem medo do número 13... É avarenta. Tem setenta mil rublos no banco de Odessa — é verdade, eu sei. Mas se lhe pedirmos algum emprestado até chora.

SÓRIN — Meteste na cabeça que a tua mãe não gostava da tua peça, estás enervado, é tal e qual. Acalma-te, a tua mãe adora-te.

TRÉPLEV (*arrancando as pétalas de uma flor*) — Bem me quer, mal me quer, bem me quer, mal me quer. (*Ri-se*) Vês? A minha mãe não gosta de mim. Pudera! Ela quer é viver, amar, usar blusas clarinhas, mas como eu já tenho vinte e cinco anos, faço-lhe lembrar constantemente que ela já não é

jovem. Quando não estou ao pé dela só tem trinta e dois anos, comigo ao lado já tem quarenta e três, e odeia-me por isso. Ela também sabe que eu rejeito o teatro. A minha mãe gosta de teatro, acha que serve a humanidade, a arte sagrada, mas para mim o teatro moderno é uma rotina, um preconceito. Quando sobe o pano e aqueles grandes talentos, os sacerdotes da arte sagrada, à luz artificial, naquele espaço limitado por três paredes, se põem a imitar as pessoas a comer, a beber, a amar, a andar, a vestir o casaco; quando se esforçam por res-pesar uma moral qualquer nas cenas e nas frases mais banais — uma moralzinha de nada, de fácil compreensão, muito útil para o quotidiano doméstico; quando me servem sempre o mesmo com mil variações... então aí eu fujo, eu fujo disso como o Maupassant fugiu da Torre Eiffel que lhe oprimia os miolos com a sua vulgaridade.

SÓRIN — Não se pode passar sem teatro.

TRÉPLEV — Precisamos de novas formas. Novas formas... e, não as havendo, mais vale não termos nada. (*Consulta o relógio*) Gosto da minha mãe, gosto muito; mas ela fuma, bebe, vive às claras com esse escritor, o nome dela é badalado nos jornais a toda a hora — e isso cansa-me. Mas às vezes desperta em mim o egoísmo do simples mortal: lamento que a minha mãe seja uma actriz famosa, e parece-me que se ela fosse uma mulher simples eu seria mais feliz. Oh, tio, veja lá se pode haver situação mais desesperada e mais estúpida do que esta: a casa dela cheia de convidados, tudo gente famosa, artistas e escritores, e no meio deles apenas uma nulidade, eu, e aturam-me porque sou filho dela. Sim, quem sou eu? O que é que eu sou? Larguei a faculdade no terceiro ano, por motivos de força maior, como se costuma dizer, não tenho talentos nenhuns, a bolsa vazia e, como reza no meu passaporte, sou um pequeno-burguês de Kíev. É que o meu pai era pequeno-burguês de Kíev, apesar de ser também um actor de renome. Portanto, quando no salão da minha mãe esses artistas e escritores me prestavam a sua atenção condescendente, parecia-me que os seus olhares avaliavam a minha mediocridade —